



POR

**Maria de Lurdes
Rodrigues**

Professora universitária

O pior em 2025 foi a generalização dos discursos e narrativas populistas sobre imigração e imigrantes. Não apenas em Portugal. O novo mandato de Trump deu um contributo decisivo para naturalizar o discurso anti-imigração e banalizar ações de criminalização e perseguição de migrantes, para incendiar e desestabilizar o funcionamento regular de instituições, comunidades e cidades.

Piores do que a legislação e as decisões políticas são mesmo os discursos de líderes e responsáveis políticos que influenciam os comportamentos dos cidadãos comuns. Têm o efeito nefasto de anulação da vergonha e ativação do mal, de libertação do que há de mais negativo nas culturas humanas: o sectarismo e o

ódio a todos os que definimos como “outros”. Construir sociedades baseadas em valores humanistas, decentes, democráticas e cosmopolitas exige um esforço coletivo de sentido contrário.

Por cá, abundam os exemplos de discursos de ódio contra imigrantes, de representação da imigração como ameaça, de afirmação de um nacionalismo agressivo, discursos sustentados pelo Chega, mas por vezes aflorados em intervenções governativas. Neste último caso, o exemplo mais triste que tivemos nos últimos tempos foi o voto contra do Governo português à proposta da Comissão Europeia para a redistribuição de refugiados ao abrigo do mecanismo europeu de solidariedade. Voto contra, ao lado da Hungria e da Eslováquia, com a declaração, abusiva, de que Portugal está sob pressão migratória insuperável. O Governo, para ser totalmente coerente com um voto ao lado da Hungria, onde declara que “nós não temos capacidade para receber

refugiados”, deveria dizer “nós não queremos receber refugiados”, ou “nós não somos solidários com os países da União Europeia que têm verdadeiros problemas de pressão migratória”, ou “nós só queremos receber migrantes ricos”.

O melhor em 2025 foram os vários sinais de contenção institucional e de resistência, a persistência do pensamento livre e de defesa do humanismo e do cosmopolitismo. Há instituições que cumprem a sua missão, como têm sido os casos de muitos governadores e tribunais nos Estados Unidos, ou dos partidos e do Tribunal Constitucional, entre nós. O melhor de 2025 foi confirmar que há vida para além das decisões políticas absurdas e cruéis. O filme “Batalha atrás de batalha” ilustra o que quero dizer: a resistência não é apenas um ato político, é um gesto humano, uma forma de afirmar que, mesmo diante da arbitrariedade, há sempre espaço para a solidariedade e a dignidade.

Piores do que a legislação e as decisões políticas são mesmo os discursos de líderes e responsáveis que [...] têm o efeito nefasto de anulação da vergonha e ativação do mal